



O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS COM ÊNFASE NO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Autor (1) Luara Hawanny da Silva Sousa¹; Co-autor (1) Maxwilliam Domingues da Silva Lima²; Orientador (4) Dennefe Vicencia Bendito³

¹ *Graduanda em Pedagogia - UFPB, email: luara_hawannybx3@hotmail.com;* ² *Graduando em Pedagogia – UNIASSELVI, email: maxwilliamdomingues19@gmail.com;* ³ *Mestra em Ensino de Ciências e Educação Matemática – UEPB, email: Dennefe.ly@gmail.com.*

Resumo:

O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência auditiva/surdez permeia na Perspectiva da Educação inclusiva, onde o aluno surdo possa estar inserido em nossa sociedade de forma a garantir o seu direito de aprendizagem por meio da inserção da Libras no currículo educacional, assim como o apoio e permanências dos profissionais Intérpretes de Libras e professores com formação adequada para dar o suporte necessário para esse público alvo. O português escrito faz parte de uma das ferramentas que garante a inserção do surdo na comunidade "ouvinte" e para tanto é preciso que o educador possa criar meios que viabilize a aprendizagem deste aluno. A Língua Brasileira de Sinais é de extrema importância para esse processo de aquisição da Língua Portuguesa escrita, pois é a partir dos conhecimentos já adquiridos na língua materna chamada de L1 que o educador poderá inserir a Língua Portuguesa, podendo assim trabalhar as duas línguas de forma a acrescentar no desenvolvimento do surdo. O presente trabalho busca analisar o processo de ensino e aprendizagens dos alunos surdos com ênfase no português como segunda língua.

Palavras-chave: APRENDIZAGEM, ALUNO SURDO, PORTUGUÊS L2

INTRODUÇÃO

A comunidade surda vem ascendendo sua participação na sociedade e por isso, surgiu o interesse de realizar uma pesquisa referente ao processo de aprendizagem do aluno surdo, tendo em vista que a LIBRAS ainda não faz parte do conhecimento de todos e que para ensinar precisa-se do mínimo de conhecimento na área, ou seja, formação para subsidiar os alunos público alvo. O presente trabalho busca analisar o processo de ensino e aprendizagens dos alunos surdos com ênfase no português como segunda língua.

Há mais de dois séculos existiam discussões referentes à forma na qual o aluno surdo iria aprender. Essas discussões geraram conflitos entre aqueles que acreditavam que era possível o aluno surdo aprender através da oralidade e com aquelas que acreditavam que era possível através dos gestos, desse modo foram desenvolvidas algumas abordagens referentes a educação das pessoas com surdez. A oralista, a comunicação total e a abordagem por meio do

bilinguismo sabemos que a língua utilizada pelos brasileiros é o português, em se tratando dos surdos sua língua materna é a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. O português era assim, usado como segunda língua e para que as pessoas com surdez pudessem de fato manter uma comunicação plena era necessário que eles pudessem ter o conhecimento das duas línguas, a LIBRAS através das expressões faciais, corporais e espaciais e o português através da linguagem escrita. A utilização de duas ou mais línguas dar-se o nome de bilinguismo, pois permite ao indivíduo comunicar-se não apenas por meio de sua língua materna, mas por uma segunda língua. A LIBRAS é uma língua como as outras, cheia de códigos e com sua estrutura própria.

Para que o aluno surdo tenha pleno desenvolvimento o professor da sala regular precisa criar estratégias e fazer adaptações curriculares, oportunizando que esse aluno acompanhe o que está sendo trabalhado. Como também é de extrema importância a presença do intérprete. A maioria dos surdos nasciam em família de ouvintes e por isso os pais tentavam inserir o português como sua primeira língua, entretanto, isso era impossível, pois a forma que a criança surda aprendia era diferente da criança ouvinte que através da audição desenvolvia a linguagem oral. A criança surda aprende através da percepção visual, a visão lhes proporciona a aprendizagem, já o ouvinte escuta e reproduz através da fala.

Nesse contexto, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei n. 9.394/96 (BRASIL 1996) surge a Educação Especial como uma modalidade de ensino que perpassa todas as outras e tem como objetivo romper as barreiras e estimular o potencial de cada aluno através de metodologias que permitam ao aluno interagir e debater sobre diversas temáticas. É importante que se tenha uma comunicação plena entre o professor da sala regular e o professor do Atendimento Educacional Especializado-AEE, pois ambos precisam compartilhar e planejar as metodologias que serão usadas com o aluno surdo, visando a unidade no desenvolvido e executado nos ambientes de aprendizagem formal do aluno.

A pesquisa pretende analisar a importância da aprendizagem dos alunos surdos, por meio de metodologias que facilitem a aquisição da língua portuguesa escrita. Como, a utilização da LIBRAS através de imagens e materiais concretos explorando o campo de visão do aluno surdo, considerando o indivíduo surdo aprende através da visão e por isso faz-se necessário utilizar materiais concretos e imagens que possam facilitar a sua aprendizagem (SANTANA,2007). A pesquisa indica reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, a discussão sobre a inclusão no contexto escolar e a necessidade de adaptação curricular para complementar e adequar o ensino da LIBRAS e da língua portuguesa.

Apresentamos uma breve discussão sobre a Educação do Surdo e a Língua Brasileira de Sinais, em seguida falamos sobre os métodos de aprendizagem e o papel e importância das salas de Recursos Multifuncionais nas quais ocorre o Atendimento Educacional Especializado. Discutimos sobre a Língua Portuguesa escrita como segunda língua e a escrita do aluno surdo. Concluimos com as considerações finais sobre a discussão apresentada.

BREVE HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO DO SURDO

Nos dias atuais percebemos que as pessoas com deficiência vêm conquistando direitos que até pouco tempo não tinham tais como o direito à educação na rede regular de ensino, apoio e permanência do profissional intérpretes de Libras na sala regular, o Atendimento Educacional Especializado para o público alvo da Educação Especial.

Há alguns anos a pessoa surda enfrentava obstáculos que dificultavam o processo de comunicação, interação e aprendizagem, surge assim o Instituto de Educação dos surdos-INES é uma Instituição criada em meados do século XIX, através do professor surdo, Ernest Huet, que veio ao Brasil com a intenção de criar uma instituição para os surdos, onde eles pudessem aperfeiçoar-se e desenvolver habilidades para viver melhor em sociedade.

A língua portuguesa é a língua oficial do Brasil, mas quando nos referimos aos surdos e após muitas lutas, nos referimos a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, o português fica como segunda língua, dessa forma para que as pessoas com surdez pudessem de fato manter uma comunicação plena era necessário que pudessem ter o conhecimento das duas línguas, a LIBRAS através das expressões faciais, corporais e espaciais e o português através da escrita.

Para FENEIS (2006, p.16):

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral auditiva, por utilizar esses recursos como canais ou meios de comunicação, onde os sons são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.

A visão é o maior meio de aprendizagem dos indivíduos surdos, pois é através dela que se realiza a aprendizagem. O processo de aprendizagem do aluno surdo não acontecia de forma adequada para a sua realidade, pois os mesmos eram submetidos a utilizar a língua dos ouvintes como seu principal meio de interação, sendo assim, eles eram obrigados a conhecer a língua portuguesa como sua primeira língua e a partir disso desenvolver diferentes aspectos

linguísticos. É importante enfatizar que esse processo de aprendizagem não era adequado para a realidade da pessoa com surdez, tendo em vista que o aluno surdo aprendia através de expressões faciais, leitura labial, e situações gestuais que permitiam a comunicação entre a comunidade surda e os ouvintes. Segundo Alvez (2010, p. 7):

A proposta educacional, baseada no oralismo, não conseguiram atingir resultados satisfatórios, porque, normalizavam as diferenças, não aceitando a língua de sinais dessas pessoas e concentrando os processos educacionais na visão da reabilitação e naturalização biológica.

De acordo com Caldeira (1998, p. 17) “A língua de Sinais é a língua natural do surdo. É aquela que ele aprende sem que seja necessário um ensino sistemático”, já o português é todo sistemático. Para que o aluno com surdez possa ter de fato uma educação plena e de qualidade é preciso que ambas as línguas possam ser trabalhadas de formas distintas, garantindo assim, o desenvolvimento do educando.

De acordo com o Decreto 5.626, de dezembro de 2005, referente ao ensino da língua portuguesa, dar-se preferência a modalidade escrita, de forma que o ensino das duas línguas ocorra de modo simultâneo. As pessoas com surdez têm direito a uma educação que garanta a sua formação, em que a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita, constituam línguas de instrução e que o acesso às duas línguas ocorra de forma simultânea no ambiente escolar, colaborando para o desenvolvimento de todo o processo educativo.

Mediante isto, compreendemos que o bilinguismo é de considerável importância na vida das pessoas com surdez, pois a partir daí o aluno poderá desenvolver-se de forma ampla e participativa, estimulando não apenas a interação com pessoas surdas, mas com toda e qualquer pessoa que apresente ou não alguma deficiência, permitindo o desenvolvimento cognitivo e todos os aspectos que envolvem a aprendizagem.

Através do Bilinguismo a escola estará formando cidadãos que possam interagir por meio de duas línguas, facilitando a socialização e comunicação no meio em que vive. De acordo com Alvez (2010, p.8):

É preciso construir um campo de comunicação e de interação amplos, possibilitando que a língua de sinais e a língua portuguesa, preferencialmente a escrita, tenham lugares de destaque na escolarização dos alunos com surdez, mas que não sejam o centro de todo o processo educacional.

O trabalho simultâneo entre as duas línguas permite que o aluno apresente avanços significativos, entretanto não pode ser descartado a bagagem que o aluno carrega e toda a aprendizagem que já adquiriu através de outros métodos.

Para Alvez (2010, p.8) “As pessoas com surdez não podem ser reduzidas ao chamado mundo surdo”. Por isso, é de responsabilidade do educador fazer com que esse aluno possa sentir-se inserido no processo de aprendizagem. Para que esse desenvolvimento seja eficaz, é necessário que a escola busque transformar sua prática, de modo a preparar o ambiente para adversidade, onde o respeito e a convivência sejam essenciais a cada indivíduo.

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Depois de anos de lutas pela causa da Educação Inclusiva obteve-se a aprovação de leis que garantem o direito das pessoas com deficiência. De acordo com a Lei Nº 10.436, de 24 de Abril, de 2002, a Língua Brasileira de Sinais – Libras torna-se decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República e dispõe no seu art.4º, que: O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Ter o conhecimento da língua de sinais proporciona ao educando uma nova perspectiva de aprendizagem, pois é através do conhecimento da LIBRAS que o aluno pode ser alfabetizado e compreender a leitura e a escrita como processo facilitador da aprendizagem em relação ao português, "a língua de sinais vai ser adquirida por crianças surdas que tiverem a experiência de interagir com usuários de língua de sinais". (QUADROS,2006, p.25).

A partir disto, evidencia-se é importância que a criança tenha contato com sua língua materna, assim como, a criança ouvinte que aprende a falar ouvindo outras pessoas falando, a criança surda aprende os sinais vendo outros fazendo.

MÉTODOS DE APRENDIZAGEM PARA O ALUNO SURDO

ORALISMO

A abordagem oralista tem como objetivo desenvolver a fala, sendo por muito tempo considerada como a única forma de comunicação, “A fala sempre foi e é, em geral, o objetivo dos pais ouvintes em relação aos filhos surdos” (SANTANA, 2007, p.120).

Muitos pais de alunos surdos acreditavam que era possível que seu filho mesmo não ouvindo desenvolvessem a fala, pois para eles a comunicação só existia desta forma. A comunicação oralista dificultava o processo de aquisição da aprendizagem dos alunos com surdez, pois interrompia o desenvolvimento, forçando-os a desenvolver algo que não estava

dentro de suas condições naturais a fala), “Não falar e não saber sinais significa também não compreender, não participar das interações efetivamente.” (SANTANA, 2007, p.106).

Nesse contexto, a pessoa surda passa por diversos conflitos, pois o seu processo de aquisição da língua torna-se interrompido por situações adversas de sua realidade, onde desenvolver a oralidade torna-se fator principal. No método oralista acredita-se que os sinais prejudicam o desenvolvimento do indivíduo surdo por isso, enfatizavam a aquisição da fala.

COMUNICAÇÃO TOTAL

Para a comunicação total é necessário trabalhar simultaneamente as duas línguas onde o principal objetivo é proporcionar a comunicação, sem distinguir métodos ou formas, o importante é que o indivíduo consiga interagir com todos a sua volta. Na comunicação total todas as possibilidades são bem-vindas, não tem uma forma correta, todos os meios que possam permitir a comunicação são utilizados. “A comunicação total não exclui recursos e técnicas para a estimulação auditiva - abrange adaptações de aparelho de amplificação sonora individual, a leitura labial, a organização, a leitura e a escrita” (SANTANA,2007, p.180). Neste método tudo é válido para fazer com que a comunicação aconteça, pois, o importante é fazer com que os indivíduos surdos possam manter uma inter-relação com os ouvintes, permitindo assim que eles possam interagir. Considera-se nesse processo, a comunicação entre os surdos e não a aprendizagem em si.

Para Santana (2007, p.181)

Os estudos sobre a comunicação total tinham como objetivo tornar acessível a gramática da língua falada pela visão, já que essa gramática não poderia ser acessível pela audição. Assim, os surdos poderiam espontaneamente adquirir gramática da língua falada pelo Manually Coded English (MCE). No entanto as expectativas de que a comunicação total oferecesse os mecanismos para a aprendizagem da gramática foram frustradas.

A tentativa de utilizar esse método não foi eficaz, pois dificultou a aprendizagem do surdo por tentar utilizar a fala e os sinais, os dois juntos confundiam-se e não apresentaram resultados satisfatórios.

BILINGUISMO

O Bilinguismo tem como objetivo proporcionar a criança surda o direito de conhecer e aprender duas línguas, a língua materna –LIBRAS chamada de L1 e a Língua Portuguesa-L2. Ambas devem ser inseridas e trabalhadas de forma distintas, pois é indicado que a L1 seja ensinada preferencialmente por pessoas surdas, sejam elas pais ou professores, contanto que a

criança aprenda a LIBRAS de forma fiel, já a L2 deverá ser trabalhada e ensinada por um ouvinte, partindo do pressuposto da primeira língua.

Santana (2010, p. 168), considera que o bilinguismo “[...] aumenta as capacidades cognitivas e linguísticas do surdo, possibilitando melhores resultados educacionais que os conseguidos sob a priorização da língua na modalidade oral. “Portanto, este método é o considerado mais indicado, pois permite que o indivíduo tenha avanços cognitivos e pedagógicos. Podendo também desenvolver-se nas atividades realizadas em sala como na relação com as pessoas ouvintes. O surdo passa a interagir ainda mais com a comunidade ouvinte, através da escrita, por meio de mensagens.

PERFIL DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

O aluno com deficiência auditiva quando não diagnosticado, tende por vezes a ser confundido com aquele aluno preguiçoso e desatento, pois, a criança que não ouve normalmente procura isolar-se, quase não se concentra e é bastante tímida, não esboça nenhum tipo de reação quando o interlocutor indaga algo. Sendo assim, sua linguagem acaba se comprometendo. Essas são características que ajudam ao professor a identificar o aluno com deficiência auditiva, tendo em vista que muitas vezes em casa os pais não têm esse olhar, “Infelizmente, os surdos filhos de pais ouvintes parecem vivenciar poucas situações de uso efetivo da linguagem”. (SANTANA, 2007, p, 107)

Os pais de crianças surdas geralmente têm dificuldades em perceber que o seu filho tem algum tipo de deficiência. Normalmente os pais querem que o seu filho fale e não compreende que a língua de sinais é um meio que possibilita a interação facilitando a comunicação.

Segundo Santana (2007, p.117):

Muitos pais acabam por utilizar sinais para informar, e não para comentar, explicar, contar história, contar piadas. Isso pode ter implicações significativas com atraso na aquisição da língua de sinais e, conseqüentemente, atraso cognitivo (considerando-se inter-relação entre linguagem e cognição), impossibilidade de construir-se um sujeito falante e exclusão social do surdo.

A aquisição da língua, seja ela qual for, permite que o indivíduo possa manter a interação e para tanto, é necessário que o mesmo seja estimulado desde muito cedo. A LIBRAS deve ser ensinada com o objetivo de fazer com que a criança surda compreenda tudo em seu meio e não apenas fazer com que ela imite alguns sinais sem significados. A pessoa com deficiência auditiva pode desenvolver suas habilidades educacionais e sensoriais da mesma

forma que uma pessoa ouvinte “O desenvolvimento humano se dá por uma sucessão irreversível de acontecimentos, tanto naturais quanto sociais” (SANTANA, 2007, p.56). O diferencial será como essas habilidades serão estimuladas e até que ponto o aluno estará interagindo, trocando experiências com o outro. A convivência com outras pessoas permite que o indivíduo desenvolva seus aspectos linguísticos, a ausência dessas inter-relações dificulta esse processo de inserção da criança ao mundo, “A ausência de relações sociais ocasiona problemas não só linguísticos, mas emocionais e cognitivos”. (SANTANA, 2007, p.54)

Desta forma, mostra-se significativo a troca de experiência com o outro, em especial, quando nos referirmos aos surdos, tendo em vista que sua aprendizagem é viabilizada quando inserido no ambiente de pessoas surdas facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

O AEE PARA OS ALUNOS SURDOS

O Atendimento Educacional Especializado complementa o ensino obtido em sala de aula regular. O atendimento para os alunos surdos acontece de forma a garantir o direito de ter conhecimento das duas línguas. O professor do AEE deve manter sempre a comunicação com o professor da sala regular, desta forma, ambos poderão criar estratégias para melhorar o atendimento dos alunos. Faz-se necessário proporcionar ao aluno a aprendizagem, de modo que possa refletir o que está sendo proposto, podendo assim, assegurar a sua aprendizagem.

O AEE para alunos surdos deve ser diário, pois é preciso que o aluno tenha contato com essa segunda língua frequentemente, considerando que é através da prática que o aluno pode desenvolver-se de forma significativa.

A aquisição do português escrito é de extrema importância para o desenvolvimento do surdo, pois o conhecimento de uma outra língua proporciona uma maior articulação em nossa sociedade, “O AEE para o ensino da língua portuguesa é indispensável.” (ALVEZ, 2010, p.21)

O professor do AEE criará um plano individual baseado na realidade do aluno e em seu nível de aprendizagem. É através deste plano que o professor vai buscar desenvolver as habilidades dos alunos, como também, romper algumas barreiras existentes em sua aprendizagem. Adaptar matérias e trabalhar sempre com imagens e material concreto facilitando a aprendizagem dos surdos

É necessário que o indivíduo tenha conhecimento da Língua Portuguesa, tendo em vista ser a língua oficial do Brasil. O português escrito permitirá ao aluno surdo o conhecimento das várias funções da língua portuguesa. De acordo com o Decreto Federal nº5626 de 22, de dezembro de 2005, é um direito do aluno surdo aprender a língua portuguesa.

Vale ressaltar, que o processo de aquisição do português é caracterizado como segunda língua, para tanto, é importante preservar a identidade da LIBRAS e garantir a aprendizagem do aluno utilizando sua língua materna.

As duas línguas são de extrema importância no processo de aprendizagem dos alunos surdos, uma complementa a outra.

De acordo com Quadros (2006, p. 24):

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira” língua de criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Cada língua exerce sua função e permite ao surdo uma comunicação plena, através dos sinais e da língua portuguesa escrita. A modalidade escrita é muito utilizada pelos surdos que já dominam as duas línguas através do celular, redes sociais, bate papo e leitura labial. Para que o aluno surdo consiga alcançar essa fase de domínio das duas línguas, faz-se necessário que seja alfabetizado na sua língua materna, pois é a partir da L1 que ele aprenderá a L2.

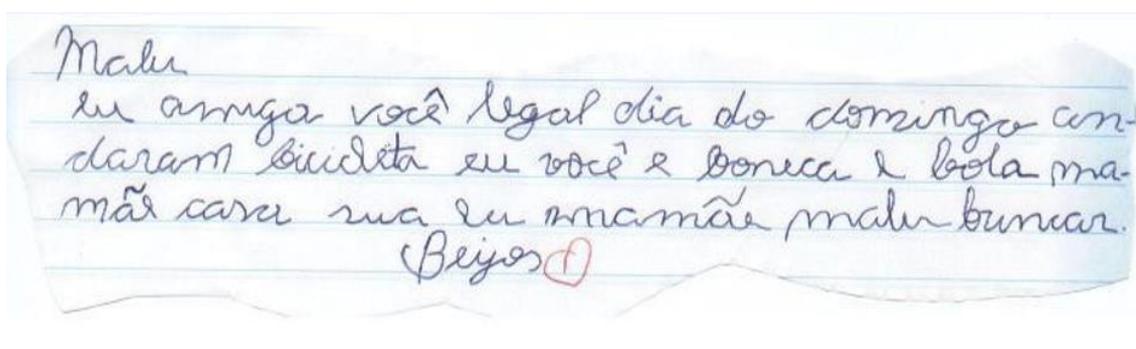
O português escrito é para o surdo uma representação de significados, onde o significado é representado através da língua de sinais.

O professor da sala de aula regular como também o da sala de recurso devem direcionar-se ao aluno de modo a permitir que ele enxergue toda a articulação do corpo, tendo em vista, que o seu maior meio de aprendizagem se dar através da visão. Em sala de aula é importante fazer com que o aluno possa ter um campo de visão amplo, sempre sentando nas primeiras cadeiras e que o professor ao realizar atividades no quadro, evite dar as costas e procure sempre manter a comunicação visual com seu aluno. O processo de aquisição da escrita é um processo que requer muita cautela.

A ESCRITA DO ALUNO SURDO

Assim como acontece com ouvintes os alunos surdos tem uma grande dificuldade para expressar-se através da modalidade escrita. Não conhecer ou não dominar os aspectos linguísticos e estruturais da língua portuguesa dificulta essa aquisição da escrita.

O fato de não ouvir, faz com que o aluno surdo, ao escrever, não se preocupe com a estruturação das frases, desrespeitando assim os padrões da língua portuguesa. Os surdos utilizam muitas frases curtas, onde priorizam o verbo e o sujeito da frase, " No ensino da língua escrita para alunos surdos, é preciso levar em conta que para eles não existe a associação entre sons e sinais gráficos; a língua escrita é percebida visualmente"



Fonte: CARDOSO, Renatta Lima de Freitas. Fundamentos Teóricos Metodológicos para ação junto aos alunos com Surdez. 2014.

Para facilitar a aprendizagem da escrita o educador pode fazer ligações entre uma língua e outra, assim, estimular a percepção e memorização do aluno surdo que aprende com mais facilidade quando associa a objeto ou a imagem, ou seja, deve utilizar sempre materiais concretos, proporcionando aos alunos meios que facilitem sua aprendizagem. É de inteira responsabilidade do educador adaptar materiais pedagógicos para trabalhar com esse aluno.

O aluno com deficiência não deve ser visto como incapaz, o educador deve tratá-lo da mesma forma que os demais e elaborar atividades de acordo com a sua necessidade. A contação de histórias por exemplo é um meio que favorece muito a aprendizagem, pois essa prática está presente na sua vida diária. Quadro (2006 p. 42) complementa que: Os textos apresentados aos alunos surdos devem ser textos verdadeiros, ou seja, não se simplificam os textos que existem, mas se apresenta textos adequados à faixa etária da criança, por isso os contos e histórias infantis são muito apropriados nas séries iniciais do ensino fundamental.

A criança surda aprende de forma espontânea a língua de sinais, quando os pais são surdos eles contam historinhas na língua de sinais e por isso, a criança vai adquirindo conhecimento e aprendendo a sua língua materna. Esse contato é de suma importância desde

muito cedo. O estímulo para que a criança se sinta mais interessada pela leitura é muito importante para a aquisição do português.

Para o surdo a escrita é a forma de representação da língua portuguesa, que passa a ter significado através da libras. Ao iniciar o processo de escrita é preciso que a criança consiga expor suas ideias através de desenhos e pequenos textos, para que assim possa começar a desenvolver aspectos linguísticos e motores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação das pessoas com deficiência é algo que vem sendo discutido há alguns anos, entretanto não era tão visível em nossa sociedade. Hoje podemos perceber que os alunos com deficiência estão inseridos nas nossas escolas, mas isso não é o bastante. É preciso ser sensíveis à Educação Inclusiva e independente das barreiras impostas pela deficiência, precisamos inserir esse aluno em nossa sociedade.

O aluno com deficiência não basta está inserido na escola, é preciso que toda a comunidade escolar possa ser sensível à causa e aceitar a criança da forma como é sem criar estereótipos referentes à sua incapacidade. A escola e a família são elos importantes para que todo ou qualquer indivíduo possa se desenvolver.

Por isso, neste trabalho fizemos uma breve discussão sobre a educação do aluno surdo, abrindo a reflexão para que muitos profissionais possam na inclusão e no trabalhar com o aluno surdo a partir das possibilidades.

Nesta pesquisa, trouxemos uma abordagem teórico-conceitual sobre a aprendizagem do aluno surdo, assim como dos alunos ouvintes, considerando-os com a mesma capacidade de desenvolver-se cognitivamente. Portanto, é dever da escola adaptar-se para receber os alunos com deficiência e não os alunos se adaptar a escola. O trabalho realizado no AEE e na sala regular serão essenciais para o pleno desenvolvimento desses alunos, sobretudo quando acontecer em harmonia com a sala regular

Fazer com que o aluno surdo aprenda a língua portuguesa escrita é um tanto complexo, entretanto possível, isso ocorra de modo a complementar a aprendizagem destes alunos, havendo a necessidade de que seja utilizado as metodologias adequadas aliado a creça no potencial do aluno.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMAZIO, Mirlene Macedo. **Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem bilingue na escolarização de pessoa com surdez.** .-Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

CARDOSO, Renatta Lima de Freitas. **Fundamentos Teóricos Metodológicos para ação junto aos alunos com Surdez.** 2014

CALDEIRA, José Carlos Lassi et al. **Programa Comunicar.** Belo Horizonte: Clínica-Escola Fono, 1998.

EDUCAÇÃO ESPECIAL: **ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS.** Disponível em: www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/educacao-especial-alfabetizacao-de-surdos-4939205.html. Acesso em: 20 de abril de 2015.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Disponível em: www.feneis.com.br. Acesso em: 20 de junho de 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS. Disponível em: www.ines.gov.br. Acesso em: 20 de maio de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394/96.**

BRASIL. Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências QUADROS, Ronice Muller de. **Ideias para Ensinar Português para alunos surdos.**.Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.